

## A comemoração do nosso 19º Aniversário



Lembrando o passado, atravessando o presente e olhando para o futuro prevejo que ainda temos muito para caminhar, partilhando com todo o interesse e, com a ajuda da nossa imaginação, vontade e inteligência, tudo aquilo que pensamos proporcionar-vos.

Individualmente nunca, livres de preconceitos e comodismos sim, e assim num vasto horizonte se atingirão os objetivos que todos aqueles que fundaram a nossa Associação e, os que se seguiram têm prosseguido e, que pretendemos continuar.

Estamos a caminho do nosso **20º Aniversário**, desejamos comemorá-lo com todos e, que até lá todos sintam que tudo fizemos e, conseguimos alcançar para enriquecer e aumentar o nosso conhecimento e bem-estar, num são e alegre convívio no campo intelectual, social e solidário.

Temos muita gente à nossa espera, experimentem que não se arrependerão!

Neste dia homenageamos, lembrando sempre, todos aqueles que já partiram e, também todos aqueles que o seu estado de saúde não lhes permite estar connosco, para estes as suas rápidas melhoras.

Um forte abraço para todos.

António F R Ramalho  
Presidente da Direcção

## Lenda das Amendoeiras em Flor



Há muitos e muitos séculos, antes de Portugal existir e quando o AL-GHARB pertencia aos árabes, reinava em Chelb, a futura Silves, o famoso e jovem rei Ibn-Almundim que nunca tinha conhecido uma derrota um dia, entre os prisioneiros de uma batalha, viu a linda Gilda, uma princesa loira de olhos azuis e porte altivo.

Impressionado, o rei deu-lhe a liberdade, conquistou-lhe progressivamente a confiança e um dia confessou-lhe o seu amor e pediu-lhe para ser sua mulher.

Foram felizes durante algum tempo, mas um dia a bela princesa do Norte caiu doente sem razão aparente. Um velho cativo das terras do Norte pediu para ser recebido pelo desesperado rei e revelou-lhe que a princesa sofria de nostalgia da neve do seu país distante.

A solução estava ao alcance do rei Mouro, pois bastaria mandar plantar por todo o seu reino muitas amendoeiras que quando floressem as suas brancas flores dariam a princesa a ilusão da neve e ela ficaria curada da sua saudade.

Na primavera seguinte o rei levou a Gilda a janela do terraço do castelo e a princesa sentiu que as suas forças regressavam ao ver aquela visão indescritível das flores brancas que se estendiam sob o seu olhar.

O rei Mouro e a princesa viveram longos anos de intenso amor esperando ansiosos, ano após ano, a primavera que trazia o maravilhoso espetáculo das amendoeiras em flor.

Emília Lima (pesquisa da internet)

## ESTAVA ESCRITO!!!

1977 -Naquela manhã, seriam umas 11, talvez 11:30 de quarta-feira, Maria Clara ia radiante para uma entrevista de emprego, lá para o Camões, e o seu coração ia cheio de alegria (também com ansiedade, é certo). Aguardando a abertura do sinal para atravessar, junto às montras do Diário de Notícias, não resistiu a mirar-se no vidro...

Gostou do que viu; o corpo esbelto, num vestidinho branco com malmequeres amarelos estava um espanto! Aquela minissaia favorecia as pernas, queimadas pelo sol da praia da Ericeira. E o chapelinho amarelo, da cor do açafão em cima dos cabelos pretos, cortados curtos e com franja, era a cereja em cima do bolo!



Do outro lado da Rua do Ouro, um rapaz alourado, alto (parecia estrangeiro) bem-parecido, deu com os olhos naquela miúda giríssima e ao cruzarem-se no meio da rua trocaram um olhar, que apesar de breve foi intenso. Ao chegaram ao passeio, movidos como que por um instinto poderoso, viraram-se ao mesmo tempo, e trocaram um sorriso e um aceno de cabeça. Depois...seguiram cada um o seu caminho.

1997-Numa quarta-feira de sol, num Outono de tempo ameno, pela manhã, antes de ir para uma consulta ao seu dentista, na rua do Carmo pelas 11:30, Renato resolveu entrar na livraria do Diário de Notícias, escolher um livro, ou dois. Estava na dúvida: escolhia o novo do António Lobo Antunes ou o do Miguel Sousa Tavares, quem sabe, mesmo os dois. Finalmente ficou-se pelo livro do primeiro, colocou-se atrás de mais dois clientes e, enquanto aguardava, olhou distraidamente para fora... De súbito sentiu um baque! Um chapéu amarelo açafão, intenso, sobre um cabelo negro e curto, trouxe-lhe à memória alguém de há muito tempo atrás. Vestia agora um saia e casaco verde escuro que realçava as formas mais cheias e harmoniosas, mas era ela, tinha a certeza! Estava na altura de fazer o pagamento dos livros ...hesitou, não podia largar tudo, mentalmente pediu que ela se mantivesse interessada na montra. Fez o pagamento em alvoroço, recebeu o livro e ao virar-se não viu já o chapelinho amarelo cor de açafão! Já na rua,

procurou por entre as pessoas (a sua altura dava-lhe certa vantagem) mas, por entre a monotonia das cores, não se via o chapelinho da cor vibrante que ele tanto procurava...

2007-Manhã de sol em Lisboa, entre as 10 e as 11 horas de uma quarta-feira de um outubro excepcionalmente frio. A época turística já passara, mas a cidade continuava cheia de turistas e as pessoas apressadas, seguiam para os seus destinos. Renato e um amigo vinham da Praça da Figueira para a Rua do Carmo, ao filatelista do costume, para adquirirem uns selos que lhes faltava na coleção. Pararam nos semáforos, junto às antigas instalações do Diário de Notícias (agora um grande armazém de tecidos) e ao olhar em frente, no meio de uma multidão, um chapéu amarelo açafão fê-lo ficar sem fôlego! Afirmou bem a vista (já devia ter ido trocar de lentes...) e não teve dúvidas, era ela outra vez! Abre o sinal, todos avançam e Renato não hesitou desta vez. Agarra o braço do amigo e diz-lhe

-Vasco, vais ter de ir tu sozinho, que eu tenho de ver se agarro o meu destino...

O sinal fechara novamente, e Renato, do lado da Brasileira, foi seguindo a trajetória do chapelinho amarelo açafão; com risco de vida atravessou-se pela frente de um took-took (que felizmente não andam muito rápidos) e apanhou-a em frente de uma florista! Miraram-se e tiveram ambos a percepção dos anos passados: ela já não tinha os cabelos tão curtos e negros, ele com uma calvície em aceleração, mas o clique deu-se mais uma vez. Agarrando num molhe de rosas (amarelas, evidentemente), Renato abraçou-a fortemente e ela, sorrindo, retribuiu emocionada, perante o embevecimento da dona da banca!!!

Fernanda Henriques



## UMA TARDE DE MAIO NUMA ALDEIA DE MONTANHA

Para quem me conhece e ao falar do título em epígrafe, diz de imediato, vai falar de Videmonte, é verdade, terrinha que me viu nascer. Já alguém isto escreveu. É assim que se passa o tempo de um reformado e aluno da U.S. de Vila Franca de Xira. Ao sair de uma humilde casinha e começando a andar sem destino embrenhei-me num pinhal onde vi pinhas no chão e ao mesmo tempo pensei, precisava delas para acender a lareira, não neste momento, mas quando fizesse frio, só que não tinha onde as transportar. Continuei a andar agora num giestal onde já havia giestas floridas, principalmente as de cor branca, estas, são mais temporãs, sendo que as de cor amarela começam agora a florir, embora, já haja algumas com flora que se dão nome de “maia” são muito bonitas! Continuando com o meu passatempo e dizer também que no meio do giestal estava um silvado donde sai um melro esvoaçando e reclamando, reparando eu que o seu bico não era amarelo, e por isso devia ser uma fêmea, dando a ideia que fui perturbar o seu bem-estar. Aproximei-me mais um pouquinho e vi que havia um ninho. Não deu para ver se tinha ovos ou se tinha filhotes tal era o tamanho das silvas. Continuei a andar e eis que a natureza me dá mais vontade de a conhecer. Qual não é o meu espanto e admiração quando vejo uma *couve* florida no meio de uns sargaços. Pensei só podia ser semente trazida por algum passarinho. Descendo para a estrada vi árvores de fruto cheias de flor para depois darem o respetivo fruto. Macieiras e pereiras, só nas cerejeiras se conhecia o fruto verde, espetáculo, para não falar das flores do campo a tal maia, os tojos, o alecrim que me deu o mote para cantar. *Alecrim alecrim doirado, que nasceu no campo sem ser semeado. Oh meu amor quem te disse a ti, que a flor do campo era o alecrim.* Dei Graças ao Altíssimo por me dar a conhecer mais um pouquinho da natureza. Mas para acabar a tarde em beleza só faltava ouvir cantar o cuco, coisa que eu já não ouvia há anos. Aqui fica o meu amigo melro que não sei se é macho ou fêmea e o meu testemunho de uma tarde respirando ar puro na aldeia de Videmonte, Concelho da Guarda.



26/04/2026

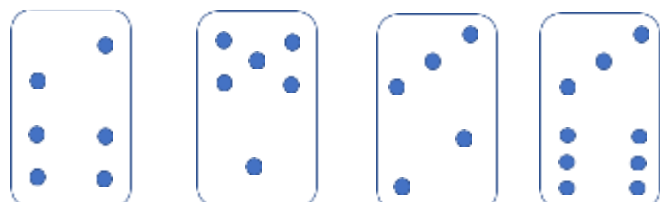
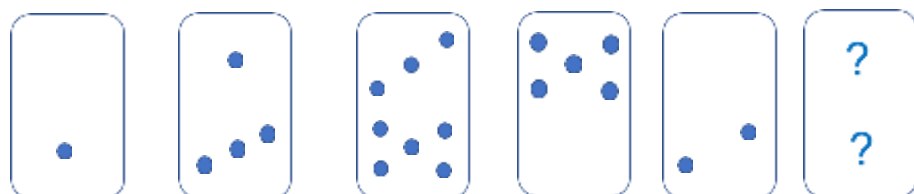
Gilberto de Paiva



Vamos exercitar o cérebro



Veja as peças de dominó a seguir apresentadas. Tente perceber esta sequência e escolha a opção que se deve seguir.



A) B) C) D)

Solução do exercício no próximo número do FOLHAS VIVAS

Solução do exercício FOLHAS VIVAS Nº 91

57	61	118
78	19	97
64	29	93

### Participação

António Ramalho  
 José Morgado  
 Gilberto Paiva  
 Emília Lima  
 Fernanda Henriques

# Folhas Vivas

## Corpo editorial

### Director:

- António Ramalho

### Corpo redactorial e coordenador:

- José Morgado
- Zí Menezes Reis
- Emília Lima

### Colaboração neste número

António Ramalho  
 José Morgado  
 Fernanda Henriques  
 Emília Lima  
 Gilberto Paiva



Para críticas, sugestões e colaboração, contactar:



Tlf. - 21 953 30 50

Tlm. - 961 303 636

### Morada:

Palácio da Quinta Municipal  
 da Piedade

2625-201 PÓVOA DE SANTA IRIA

### E-mail:

aausvfxira@sapo.pt

### Site:

www.aausvfxira.pt